

PHILIP K. DICK: OS ARQUÉTIPOS E O SER NA SOCIEDADE

PHILIP K. DICK: ARCHETYPES AND THE BEING IN SOCIETY

Vítor Castelões Gama¹

Marcelo Velloso Garcia²

RESUMO: Este artigo propõe uma análise da obra *Lembramos Para Você a Preço de Atacado*, do escritor norte-americano Phillip K. Dick, com base nos instrumentos da psicologia arquetípica. A análise foca na figura do personagem Douglas Quail como uma representação de um cidadão dividido entre as necessidades pessoais, da família e do estado. Propomos que esta situação é simbolizada por meio da possessão pelo arquétipo de Ares, o deus grego.

Palavras-Chave: Arquétipos. Jung. Philip K Dick. Ficção Científica.

ABSTRACT: This paper proposes an analysis of the book *We Remember for You at Wholesale*, by the American writer Phillip K. Dick, based on the instruments of archetypal psychology. The analysis focuses on the figure of the character Douglas Quail as a representation of a citizen divided between personal, family and state needs. We propose that this situation is symbolized through the possession of the archetype of the Greek god, Ares.

Keywords: Archetypes; Jung; Philip K. Dick; Science Fiction.

O uso da psicologia arquetípica e da psicanálise tem se tornado cada vez mais comum na crítica literária, se pensarmos na obra de Eduardo Goligorsky e Marie Lange (1969) vemos que tal aplicação à ficção científica não é exceção. Um dos autores de ficção científica mais analisados por esta vertente é Philip K. Dick, cujas obras costumemente tratavam de questões metafísicas como a natureza da realidade e experiências transcendentais, além de questões psicopatológicas tais como a paranoia e esquizofrenia. Porém, há poucas análises que utilizam da teoria arquetípica de Jung. Neste artigo, um de seus contos é objeto de análise: *Lembramos Para Você a Preço de Atacado*, publicado pela primeira vez na revista *Fantasy & Science Fiction*, em abril de 1966, e adaptado para o cinema duas vezes (1990; 2012) com o título *O vingador do futuro* ou *Total Recall*, no original. Sugerimos que esta obra, ao ser lida pela ótica da psicologia arquetípica, revela que a formação do personagem principal é muito devedora das duas disciplinas citadas e que tal personagem incorpora e extrapola alguns dos princípios psicológicos jungianos. A função do símbolo arquetípico na obra de Dick é demonstrar a vinculação da psicologia individual com a arquetípica, isto é, que o indivíduo é socialmente construído. Há, porém, uma linha tênue: a violência psico-social do protagonista.

¹Doutorando no Programa de Pós-graduação em Literatura e Práticas Sociais da Universidade de Brasília. Email: vitocasteloesgama@hotmail.com

²Mestrando no Programa de Pós-graduação em Linguística da Universidade de Brasília. Email: marcelovg91@gmail.com

A trama é líquida e se passa na mente Douglas Quail, narrador que conta a história de um suposto escriturário que deseja conhecer Marte, mas não tem as condições financeiras necessárias para realizar tal viagem. Por esse motivo, visita a Rekordar S.A., uma empresa que promete alterar qualquer memória. No entanto, durante o procedimento ele lembra já ter viajado para Marte como um agente secreto. Uma situação que pode complicar sua vida. Um dos motivos para o sucesso do conto se deve à complexidade e à diversidade de interpretações que ele suscita, principalmente sobre o que compõe a realidade: seria ela composta por nossas memórias ou seria a realidade algo independente de nossa consciência dela? Propomos uma outra leitura que diferencia-se das interpretações sobre a subjetividade alienada do personagem. Em nossa leitura, a subjetividade aqui está diretamente relacionada aos aspectos sociais. Para tanto, partiremos de atos individuais para o funcionamento da psique e então para à sociedade.

Na obra há, em diversos aspectos, uma aproximação com elementos da psicanálise ao fazer uma analogia com o aparelho psíquico freudiano, e ao mesmo tempo, esta verte elementos da psicologia arquetípica. Em resumo, o conto trabalha o arquétipo do deus grego Ares, dada a belicosidade presente nas escolhas conscientes e subconscientes do personagem. Para Jung (2000, p. 17): “O arquétipo representa essencialmente um conteúdo inconsciente, o qual se modifica através de sua conscientização e percepção, assumindo matizes que variam de acordo com a consciência individual na qual se manifesta”. No entanto, não é necessário conhecer o mito para vivê-lo, ou, nas palavras do mitólogo Mircea Eliade (1979, p. 14): “Nem sempre é necessário conhecer a mitologia para viver os grandes temas míticos”. Conforme tomamos consciência do mito e o trabalhamos em uma narrativa, podemos dar vazão ao que estava indisponível no inconsciente. A “aparição” do conteúdo mítico “pode ser comprimido(a) num único sonho ou num curto momento de vivência, ou então estender-se por meses ou anos” (JUNG, 2000, p. 47). O mito tem algo a dizer e ficará o tempo que for necessário para que a individuação se faça, ou para que falhe completamente. Coincidentemente, o conto começa com um sonho:

Ele acordou – e não estava em Marte. Os vales, pensou. Como seria caminhar entre eles? Ótimo, e melhor ainda: o sonho se tornava mais intenso à medida que ele despertava, o sonho e o desejo. Ele quase pôde sentir a presença envolvente do outro mundo, que apenas agentes do governo e oficiais superiores conheciam. Um escriturário como ele? Improvável” (DICK, 2014, p. 15).

Por meio dos sonhos pode-se ter acesso a diversos elementos escondidos no inconsciente, por exemplo, os desejos ocultos. Adequadamente, este sonho retrata de uma forma enigmática um pouco do desejo do personagem. A primeira vista, é de conhecer o planeta Marte. Porém, por detrás desse desejo, a motivação é o fato de o planeta ser um lugar reservado para pessoas de status superior. Apenas agentes e oficiais superiores vão para Marte. Kirsten, a esposa do protagonista, ao ver o marido desnorteado após

este sonho tão real, pergunta com ciúmes se havia alguma mulher no sonho. Quail responde: “– Não — disse ele. – Um deus. O deus da guerra” (DICK, 2014, p. 16).

Com essa resposta, surge o mito predominante no conto. Já que a forma escolhida por Quail para relatar Marte, o planeta, é compará-lo a Marte, o deus da guerra romano. Assim deixa escapar o que está acontecendo em seu inconsciente. O mito principal é o de Marte, o deus, e conseqüentemente de Ares, seu equivalente grego. E o que importa mais é a relação de ambos com o poder e a destruição que representam. É do mito de Ares que as ações de Quail emularão, conforme explicita Marcus Quintaes:

Se a linguagem dos arquétipos é o discurso metafórico dos mitos, afirmamos que há um deus em cada discurso, isto é, sempre há um deus que rege a narrativa, modelando e moldando as palavras de acordo com as suas características. Invocados ou não invocados, os deuses sempre estarão presentes. Eles habitam a nossa subjetividade e governam nossos atos. (QUINTAES, 2011, p. 139-140)

Não limitando-se à Marte, as ações do personagem se irradiam também para outras interações. Sua esposa, irritada com os devaneios do marido reclama: “— Está piorando. Cada dia mais fanático. Aonde isso vai parar?”. Quail responde: “– Em Marte”. (DICK, 2014, p. 16) Esta frase que elucida o desejo do personagem de “parar em Marte” é um movimento claro de prefiguração do mito que em breve irá subjugar sua psique. Mas, como já mencionado, a influência do mito na psique não é necessariamente uma coisa negativa, a presença dos deuses pode auxiliar o processo de individuação. “Podemos vislumbrar as divindades, ou seus atributos, reclamantes de integração no campo da consciência e estruturação egóica, para que a realização do processo de individuação se faça” (ALVARENGA, 2010, p.16). O problema é que a presença constante de um mito pode sobrepujar a consciência, especialmente quando ela ainda não está consolidada. Sobre o assunto explica Carl Jung:

O perigo principal é sucumbir à influência fascinante dos arquétipos, o que pode acontecer mais facilmente quando as imagens arquetípicas não são conscientizadas. Caso exista uma predisposição psicótica pode acontecer que as figuras arquetípicas — as quais possuem certa autonomia graças à sua numinosidade natural — escapem ao controle da consciência, alcançando uma total independência, ou seja, gerando fenômenos de possessão. (JUNG, 2000, p. 48)

Assim, as narrativas míticas podem acabar se tornando independentes e também a levar a pessoa a viver conforme as histórias míticas, que são mais interessantes do que a mediocridade. Quail, obstinado a satisfazer o que acredita ser seu desejo, consulta com McClane, dono da empresa Rekordar S.A., que tenta lhe mostrar o lado positivo das memórias implantadas:

Nossa análise dos sistemas de memória verdadeira, lembranças autênticas de acontecimentos importantes na vida de uma pessoa, mostra que uma variedade de detalhes se apaga muito

rapidamente. Para sempre. Parte do pacote que lhe oferecemos é uma implantação de memória tão profunda que nada é esquecido. (DICK, 2014, p. 19)

Quail barganha com a empresa, como se barganhasse com a própria mente, quase como um diálogo interno. Tem pouco conhecimento de seu desejo verdadeiro, mas, mesmo assim, responde convicto, bancando-o: “– O.K. É a ambição da minha vida e estou vendo que nunca a realizarei de verdade. Então, suponho que terei de me contentar com isto” (DICK, 2014, p. 19). Quail resolve ir adiante com o procedimento e parte da sua memória, que havia sido apagada, retorna, e com ela um melhor entendimento da natureza de seu desejo. Marte era apenas mais um substituto, algo na cadeia de significantes, o desejo agora é outro. “Nunca quis ir a Marte. Fui designado para ir, deram-me a incumbência e lá estava eu: sem saída. Ah, sim, admito que estava curioso. Quem não estaria?” (DICK, 2014, p. 23). Vemos que com esse primeiro incursão à sua mente, o personagem começa a entender melhor a situação em que está.

Neste conto, os mecanismos da empresa remetem ao funcionamento do inconsciente. Mais especificamente ao id, como algo regido pelo princípio do prazer, a missão da empresa é oferecer o prazer para quem não pode, ela permite o gozo fora da “realidade”. Há também outro elemento: o retorno do recalado na forma das memórias que foram apagadas: a memória de sua primeira viagem a Marte. Um dos técnicos que estava realizando o procedimento resume bem a situação de Quail:

Ele quer que seja implantada uma memória falsa que corresponda a uma viagem que tenha realmente feito. E um motivo falso que seja o motivo real. Está dizendo a verdade. Está sob total efeito da narkidrina. A viagem está muito vívida em sua mente, pelo menos enquanto está sedado. Mas parece que não se lembraria de outra forma. Alguém, provavelmente num laboratório de ciências militares do governo, apagou suas lembranças conscientes. Ele só sabia que ir para Marte tinha um significado especial para ele, e foi o que fez, como agente secreto. Não conseguiram apagar isso. Não se trata de uma lembrança, mas de um desejo, sem dúvida, o mesmo que o motivou a se oferecer para a missão no início de tudo (DICK, 2014, p. 23).

Tudo o que fizeram, foi trazer à tona elementos escondidos no inconsciente. Mas algo deu errado. McClane e os técnicos discutem entre si o que fazer, se devem implantar a memória mesmo assim? “– O que fazemos? Enxertamos um padrão de memória falso sobre a memória real? Não há como prever os resultados. Ele pode lembrar parte da viagem verdadeira, e a confusão pode provocar um episódio psicótico” (DICK, 2014, p. 24). Por que motivo esta confusão pode provocar um episódio psicótico? A resposta arquetípica que Jung provém não satisfaz inteiramente essa parte de nossa hipótese. Para resolvê-la, recorreremos a Lacan e seu conceito de foraclusão:

Um mecanismo específico da psicose, através do qual se produz a rejeição de um significante fundamental para fora do universo simbólico do sujeito. Quando essa rejeição se produz, o

significante é foracluído. Não é integrado no inconsciente como no recalque, e retorna sob forma alucinatória do real no sujeito (ROUDINESCO, 1998, p. 245).

No caso de Quail, o problema é que, ao apagarem sua memória, também apagaram a sua relação com o desejo: em sua mente, naquele momento, tudo que ele desejava havia se concretizado, pois o implante da mesma memória, haveria, concomitantemente, calcado a realização do desejo e a não realização. Isto é, ao implantar uma memória igual a que tinha sido anteriormente apagada, cria-se uma falsa identidade de espectador naquele fragmento de lembrança latente, levando Quail a uma foraclusão forçada. O elemento que havia sido expulso do inconsciente, a realização do desejo, retorna e causa o conflito intrapsicológico do personagem.

Enquanto avaliavam os prós e contras, McClane e os técnicos decidem não fazer mais nada, interrompem o procedimento e colocam Quail em um táxi para voltar a sua casa. Durante seu retorno, o protagonista lembra-se de mais detalhes da suposta viagem e que fora contratado pelo governo para assassinar uma pessoa em Marte. Mas a realidade dessa memória, não o convence. Então, por acreditar ter sido ludibriado, fica possesso. Escreveria uma carta de reclamação imediatamente, então quando chegou ao condapto, neologismo entre condomínio e apartamento, “sentou-se diante da Hermes Rocket portátil, abriu as gavetas e procurou um papel-carbono – e notou uma caixa pequena e familiar” (DICK, 2014, p. 29). A máquina de escrever que usa é a Hermes Rocket, uma marca real, criada em alusão a Hermes, o mensageiro. Na mitologia, Hermes salva Ares, que foi preso em um jarro de bronze, uma representação da raiva e belicosidade, pois “o bronze é o metal associado à guerra e ao deus [Ares], e o confinamento num recipiente deste material poderia indicar que o aprisionamento no tema da guerra deixa o deus vulnerável e enfraquecido (ALVARENGA, 2010, p. 171)”. Da mesma forma a mensagem que pretende escrever vai também apaziguar a raiva que sente naquele momento, retirá-lo de sua prisão de ira.

Então a consciência o direciona ao objeto estranho, “uma caixa pequena e familiar”. Uma caixa contendo vermes marcianos que supostamente trouxera de sua viagem. Quail tem agora uma chance de botar em ordem os pensamentos: não sabe se é uma alucinação, um objeto plantado pela empresa, ou a realidade. Quail a todo o momento questiona o *status quo*. O pensamento de perder o controle o enraivece. Mas, quando começa a dar vazão a sua raiva, Quail se perde “– Estou em apuros. — A voz dele saiu rouca, áspera e trêmula. – É provável que eu esteja caminhando para um surto psicótico. Espero que não, mas... talvez seja isso. Pelo menos explicaria tudo” (DICK, 2014, p. 30). É neste momento que ocorre o primeiro confronto com os agentes do governo e, estranhamente, parece que Quail os reconhece: “E, por algum motivo estranho, senti que o conhecia. O homem que lhe era familiar de um modo nebuloso e distorcido que ele não sabia definir. Então, trêmulo, ergueu as mãos” (DICK, 2014, p. 30).

Os policiais explicam como conseguiram monitorá-lo e chegar a sua casa tão rapidamente, afinal, pouco tempo havia se passado desde sua saída da empresa Rekordar S.A. Eles souberam que Quail tinha uma vaga lembrança de sua viagem, imediatamente. “Temos um teletransmissor instalado dentro do seu crânio, que nos mantém constantemente informados (...) — Ele estremeceu com aversão a si mesmo. A coisa vivia dentro dele, dentro de seu próprio cérebro, alimentando-se, ouvindo, alimentando-se” (DICK, 2014, p. 30).

Então, o governo, além da empresa Rekordar S.A., é a segunda entidade a aparentemente ter acesso aos pensamentos íntimos de Quail. Os agentes sabem também que, enquanto Quail estava sedado, ele contara todos os detalhes confidenciais de suas missões aos funcionários da Rekordar S.A. Mesmo assim, os policiais dizem: “– E não podemos fazer nada a respeito de McClane e o procedimento dele porque não temos autoridade sobre ninguém exceto o nosso próprio pessoal.” (DICK, 2014, p. 31-32). Este é um argumento difícil de acreditar, já que se o governo contrata assassinos para missões interplanetárias, como poderiam se isentar a respeito de alguns poucos técnicos? Porém, seguindo a analogia do aparelho psíquico, a frase faz sentido. Se eles são produtos de sua mente, tudo está correto, pois a mente só pode atuar sobre ela própria, mais ninguém. Essa impressão é corroborada quando dizem: “– Portanto tenho de alertá-lo: tudo o que pensar pode ser usado contra você” (DICK, 2014, p. 31).

Na analogia do aparelho psíquico, a empresa Rekordar S.A. corresponde ao id e suas pulsões, e Quail corresponde ao ego e suas exigências da realidade. Como o governo é representado no conto, para que se diferencie dos outros, tomando o lugar de super-ego? A resposta vem nas justificativas que os policiais dão para a execução de Quail: “– Porque — disse o policial fardado — o que você fez não está de acordo com a nossa imagem pública de um pai ultraconservador e superprotetor. Você fez, por nós, o que nunca fazemos como logo vai lembrar, graças à narkidrina” (DICK, 2014, p. 32). Lacan, em uma das definições que deu ao super-ego, por ele chamado de supereu, diz: “o supereu é, a um só tempo, a lei e a sua destruição” (LACAN, 1979, p. 123). Isto é, neste caso o governo só pode representar o supereu, que é esta entidade ligada às leis, tirana e destruidora. É um super-ego que quebra as próprias leis e manda assassinar alguém. Quail, que estava encurralado, em uma reviravolta toma a arma dos policiais e os ameaçando, foge. Após um breve período, o protagonista, crendo estar seguro, para em um banco de praça para refletir, mas vê que não tem escapatória. Não há como escapar de algo que está em sua mente. Sua própria experiência lhe diz isso, o que é apagado torna a aparecer. Quail entende que sua única chance é adentrar mais em seu inconsciente e lidar com as consequências. Em um diálogo interno com o superego, o personagem decide tentar de alguma forma salvar o ego do super-ego destruidor. Ele busca uma realidade, mediada pelo ego, em que os três aspectos do aparelho psíquico estejam em equilíbrio. Sua proposta é que a memória seja novamente substituída, mas para algo que satisfaça os desejos íntimos,

os desejos verdadeiros. Ou seja, algo que o tire da cadeia de significantes. Mas isso é realmente possível, é possível ter conhecimento de tal desejo?

Algo que agiria no sentido de satisfazer meus desejos. [...] Eu era o homem mais rico da Terra, mas acabei doando todo o meu dinheiro a fundações educativas. Ou era um explorador famoso do espaço sideral. Qualquer coisa do tipo. Uma dessas não resolveria? [...] Tentem — disse ele, desesperado. — Recorram a um de seus psiquiatras mais competentes. Exploreem minha mente. Descubram qual é o meu sonho mais grandioso. — Tentou pensar. — Mulheres. Milhares delas, como Don Juan teve. (DICK, 2014, p. 36)

Sua ideia é que se busque nos profundos recônditos de sua mente para descobrir qual o desejo verdadeiro que deve ser satisfeito, sendo este aquele que o manterá satisfeito e “dócil”. Quail só consegue pensar em riqueza e luxúria, em status. No entanto, o psiquiatra que trabalhou em Quail descobre uma fantasia:

— Diferente da fantasia de querer ser um agente secreto da Interplan — continuou o psiquiatra —, a qual, sendo um produto da maturidade, falando de forma relativa, tinha certo grau de plausibilidade, este sonho é uma produção grotesca de sua infância. Não admira que não consiga recordar. Sua fantasia é a seguinte: você tem 9 anos de idade, está andando sozinho por uma estrada rústica. Uma variedade desconhecida de veículo espacial de outro sistema estelar aterrissa bem na sua frente. Ninguém na Terra vê isso a não ser o senhor, senhor Quail. As criaturas no interior da nave são muito pequenas e indefesas, aproximadamente semelhantes a camundongos do campo, embora estejam tentando invadir a Terra. Dezenas de milhares de outras naves logo estarão a caminho, quando esses batedores derem o sinal para seguirem em frente. — E imagino que eu os detenha — disse Quail, sentindo uma mistura de divertimento e aversão. — Eu os destruo sozinho. Provavelmente pisando neles (DICK, 2014, p. 37).

Nessa nova fantasia, assim como a de agente secreto, o desejo de superioridade continua presente. Uma superioridade que se demonstra de forma física, pisando nos seres inferiores. O homem que momentos atrás evita recorrer à violência, que não mata os policiais que o seguiam, agora não consegue resistir ao impulso violento.

— Não — disse o psiquiatra com paciência — O senhor impede a invasão, mas não os destruindo. Em vez disso, demonstra gentileza e compaixão, ainda que, por telepatia, o modo de comunicação deles, o senhor saiba por que vieram. Eles nunca viram tais traços humanos serem exibidos por qualquer organismo senciente e para demonstrarem gratidão, fazem um pacto com o senhor (DICK, 2014, p. 38).

Apesar de Quail acreditar que resolveria a questão com violência, o psiquiatra sugere o uso da compaixão. Assim como a sugestão de Atená para Aquiles, para que contenha sua agressão. No entanto, na história mitológica, Aquiles acata a sugestão, Quail aceita-a apenas de forma ambígua. O único motivo para que o protagonista possa aceitar a hipótese de compaixão é que, para se ter compaixão, é necessário

estar em uma posição superior. Tem-se compaixão para com os mais fracos, para com os necessitados. Se Quail tem compaixão para com seres superiores ao resto da humanidade, em que patamar ele se encontra?

Quail disse: – Não invadirão a Terra enquanto eu estiver vivo (...) – Então, simplesmente por existir — disse Quail, sentindo um prazer cada vez maior —, somente pelo fato de estar vivo, mantenho a Terra livre do domínio alienígena. Sou, de fato, a pessoa mais importante da Terra. Sem precisar erguer um dedo (DICK, 2014, p. 38).

Na verdade, tudo o que Quail deseja é ser desejado. Ser reconhecido como alguém de estirpe superior. Um *übermensch*. De acordo com Lacan, o “desejo do homem encontra seu sentido no desejo do Outro, não tanto porque o outro detenha as chaves do objeto desejado, mas porque seu primeiro objeto é ser reconhecido pelo Outro” (LACAN, 1998, p. 269). Quail não é um escriturário qualquer, mas um agente secreto em Marte. Não um agente qualquer, mas o salvador da Terra.

É essa fantasia que será implantada em sua mente, por mais absurda que seja. Para que a memória implantada tenha o efeito desejado, alguns itens devem ser implantados em seu “passado” para dar verossimilhança. Para que quando os veja, funcione como gatilho para a rememoração do que foi implantado. McClane pensa em quais itens deve colocar: “Do Oitenta e um — explicou —, uma varinha mágica de cura dada a ele, o cliente em questão, neste caso, o senhor Quail, pela raça de seres de outro sistema. Um símbolo de sua gratidão” (DICK, 2014, p. 40). Porém, quando Quail acorda de seu sono induzido, novamente um erro aconteceu. O procedimento é interrompido antes mesmo de começarem a implantar as memórias. Ainda sob o efeito do sedativo, Quail diz:

– Eles até me deram um rolo do papel — murmurou Quail — de agradecimento. Eu o escondi em meu condapto. Mostrarei a vocês. (...) – Também me deram uma varinha mágica invisível e destruidora — murmurou Quail, de olhos totalmente fechados agora. – Foi com ela que matei aquele homem em Marte que vocês me enviaram para liquidar. Está em minha gaveta, junto com a caixa de vermes marcianos e plantas ressecadas (DICK, 2014, p. 41).

Uma mudança já aparece, a varinha de cura que iriam lhe dar virou uma varinha da destruição. A última sugestão de Atená não é acatada. Nesse ponto Quail está completamente preso ao jarro de bronze. Quail não consegue fugir de sua tipologia destruidora, preso na armadilha do desejo. Apesar de acreditar realmente ter salvo o planeta Terra de uma invasão alienígena, após uma disputa acirrada dos três níveis de consciência, o ego perde a noção de realidade. Isto foi resultado dos comandos dos outros níveis de consciência que dizem: goze!

Consciência e inconsciente não constituem uma totalidade, quando um é reprimido e prejudicado pelo outro. Se eles têm de combater-se, que se trate pelo menos de um combate honesto, com o mesmo direito de ambos os lados. Ambos são aspectos da vida. A consciência deveria defender sua razão e suas possibilidades de autoproteção, e a vida caótica do inconsciente também deveria

ter a possibilidade de seguir o seu caminho, na medida em que o suportarmos. Isto significa combate aberto e colaboração aberta ao mesmo tempo (JUNG, 2000, p. 281).

É somente nesse combate que realmente podemos nos conhecer.

Phillip K. Dick nos apresenta hipóteses que nos mostram como a lucidez pode ser algo tênue. Em um momento estamos certos da realidade, de nossa identidade, mas, no momento seguinte perdemos toda a certeza. No conto, Quail se perde na cadeia de significantes, bancando cada vez mais seus desejos, até o ponto que o leva à irrealidade absoluta. Esta realidade que existe entre o plano onírico e o real que gera uma nova camada de significado, levando-nos para além da análise arquetípica até que, enfim, cheguemos numa análise social.

É justamente essa a mensagem do conto, a alusão ao homem na contemporaneidade capitalista, que a partir dos anos 1960, quando o conto é publicado, começa a tomar as feições atuais, as quais acabam por dividir o homem entre desejos do mercado (empresa) e do governo. Nenhum de seus anseios era próprio dele. Para nós, o que o conto deixa transparecer é a ávida busca por status e reconhecimento fomentada pela sociedade. Frente às imposições do mercado e do governo, o indivíduo é esmagado, restando apenas perguntas como: haveria escapatória? Como fugir de algo que está em sua cabeça? Esta sociedade, que o autor aponta, é um ambiente de alta competitividade, em que o desejo de Ares leva nosso protagonista à violência, a subir acima dos outros homens ou sucumbir, à uma guerra pela ascensão que é travada por todos. Quail é o retrato do homem comum naquela sociedade, ou seja, violento, pois só assim se sobrevive no mundo capitalista moderno, o que é consolidado através do mito pois nesta sociedade entrevista pelo conto, Ares não vira Marte, o deus da guerra maduro. Ele mantém-se antissocial e violento, preso em seu jarro, constituído de raiva e desejo, alusivamente à nossa visão, que ressoa com a do autor.

Referências Bibliográficas:

ALVARENGA, Maria Zelia de. Mitologia Simbólica: estruturas da psique & regências míticas. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2010.

DICK, Philip K. Realidades Adaptadas. 2a ed. São Paulo: Editora Aleph, 2014.

ELIADE, Mircea. Imagens e Símbolos. Lisboa: Editora Arcadia, 1979

JUNG, Carl Gustav. Os arquétipos e o inconsciente coletivo. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000

GOLIGORSKY, Eduardo; LANGE, Marie. Ciencia Ficción: realidad y psicoanálisis. Buenos Aires: Paidós, 1969.

LACAN, Jacques. Escritos. Rio de Janeiro: Zahar, 1998

LACAN, Jacques. O seminário – Livro 1. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

QUINTAES, Marcos. Letras Imaginativas – Breves ensaios de Psicologia Arquetípica. São Paulo: Paulus, 2011.

ROUDINESCO, Elisabeth e Plon, Michel. Dicionário de psicanálise. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

Recebido em: 20/06/2019

Aceito em: 29/07/2019